



O HUMOR COMO FORMA DE RESISTÊNCIA NA PRODUÇÃO DE CHARGES E QUADRINHOS POR MULHERES

Natania A. da Silva Nogueira*

Resumo: As mulheres encontram nas artes gráficas um espaço para expressarem suas ideias e contarem suas histórias. Esses movimentos criativos incluem pioneiras como a brasileira Nair de Teffé, com suas caricaturas, e a francesa Clair Bretécher, em sua forma divertida de criticar a sociedade francesa por meio de sua série de quadrinhos, *Les Frustrés*, além de quadrinistas contemporâneas como a sueca Malin Biller e a brasileira Germana Viana, as quais, com seu humor inteligente, tratam de temas relacionados à ditadura da beleza e à sexualidade. Na história das artes gráficas, em várias partes do mundo, houve mulheres que transformaram sua arte em uma forma de resistência, rompendo com o silêncio imposto ao feminino e denunciado tantas vezes por historiadoras como Michelle Perrot. Neste artigo, pretende-se verificar, entre o século XX e as décadas iniciais do século XXI, como o humor foi transformado em um instrumento de resistência das mulheres, que, por meio dele, quebraram o silêncio a que haviam sido submetidas na sociedade. Acreditamos que os quadrinhos e as charges, notadamente aqueles criados por mulheres, desconstruem representações e estereótipos de gênero, tornando-se formas de resistência e permitindo às mulheres que se expressem livremente acerca de temas normalmente considerados polêmicos ou impróprios para o público feminino. Convertem-se, desse modo, em tecnologias de gênero a favor das mulheres em sua totalidade.

Palavras-chaves: Histórias em Quadrinhos; Charges; Gênero; História das Mulheres.

Introdução

A História das Mulheres é um campo de estudos ainda recente, mas que vem expandindo seu universo de análise ao longo das últimas décadas. Isso porque o espaço de ação das mulheres na sociedade é tão amplo e complexo quanto o dos homens, porém esteve relegado ao esquecimento por muito tempo. Para os homens, as mulheres não possuem memória e, portanto, não construíram sua história. A negação do fazer das mulheres é baseada em argumentos superficiais e preconceituosos, que reproduzem uma cultura marcada pela dominação dos homens sobre as mulheres. E o humor não ficou imune a isso.

Até há pouco tempo, persistia um discurso que afirmava que as mulheres não têm humor ou não sabem fazer humor. Negar o humor às mulheres, além de interditar o seu direito ao riso e ao deboche, significa negar sua inteligência, uma vez que o humor está relacionado à capacidade criativa do indivíduo. Afinal, o riso é também uma forma de subversão, de rebeldia. Para o patriarcado, tudo

* Mestra e Doutoranda em História pela Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO), Niterói, RJ, Brasil. Membro fundador da Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial (ASPAS). E-mail: nogueira.natania@gmail.com.



aquilo que conduz à subversão ameaça a ordem imposta. O patriarcado é aqui entendido como “[...] uma formação social em que os homens detêm o poder [...]” (DELPHY, 2009, p. 173), uma forma de dominação masculina. Sobre essa exclusão histórica das mulheres do campo do humor, Mira Farlardeau afirmou:

Quando falamos de humor em geral, estamos falando do humor dos homens. Uma vez que o gênero masculino se sobrepõe ao gênero feminino, os vários tratados que abordam a filosofia do humor não se dão ao trabalho de distinguir o público, nem de o separar de acordo com o sexo dos criadores: a história é extremamente mesquinha em relação a mulheres humoristas (tradução nossa).¹ (FALARDEAU, 2014, p. 224).

Durante muito tempo, foi questionada, ou mesmo bloqueada, sua capacidade criativa. As mulheres deveriam apenas reproduzir, não criar. Quando estudavam artes, as meninas de classes abastadas eram condicionadas, por exemplo, a copiarem cenas da natureza sem acrescentar-lhes quaisquer elementos. Seus bordados seguiam modelos preestabelecidos, sua escrita não era desejada ou mesmo valorizada. Todas as atividades que envolviam a liberação não deveriam ser permitidas. Tratava-se de um jogo de poder, uma relação na qual os homens oprimiam as mulheres a partir do argumento da inferioridade feminina.

O humor produzido pelos homens, por exemplo, buscou naturalizar essa ideia de inferioridade, atuando como uma “tecnologia de gênero”, termo usado por Teresa de Lauretis para denominar aqueles produtos gerados por várias tecnologias sociais, cuja função seja disseminar, reproduzir e naturalizar papéis de gênero, reforçando os estereótipos criados para diferenciar homens e mulheres a partir de papéis previamente definidos (LAURETIS, 1994, p. 208). Sendo assim, toda vez que as mulheres buscam atuar em setores nos quais sua presença não é amplamente aceita ou desejada, temos aí um ato de resistência.

Essa resistência não é algo novo nem recente e está presente em todos os campos de atuação humana. Em nosso caso, analisaremos o humor produzido por mulheres por meio de charges e histórias em quadrinhos como uma forma de resistência aos limites que lhes são impostos pela sociedade. Vamos ver que, por meio dessas mídias, foi possível às mulheres se expressarem livremente acerca de temas normalmente considerados polêmicos ou mesmo impróprios para o público feminino.

¹ *Lorsque l'on parle de l'humour en général, on parle donc en fait de l'humour des hommes. Le genre masculin recoupant le genre féminin, on ne prendra pas la peine, dans les divers traités abordant la philosophie de l'humour, de distinguer les publics, pas plus que de faire une séparation selon le sexe des créateurs: l'histoire est extrêmement avare en ce qui concerne les femmes humoristes.*



Dentro de uma perspectiva historiográfica, utilizaremos como base teórica a obra de Michele Perrot, que denuncia o silêncio imposto às mulheres. Segundo Perrot, “Aceitar, conformar-se obedecer, submeter-se e calar-se. Pois esse silêncio imposto pela ordem simbólica, não é somente o silêncio da fala, mas também o da expressão gestual e o da escritura (PERROT, 2005, p. 10). Esse silêncio é rompido ao longo da história, particularmente por meio da arte, em particular as artes gráficas, um espaço no qual as mulheres passam a contar suas histórias por meio da escrita e da ilustração. Nesse lugar, elas rompem com o silêncio que lhes foi imposto por uma historiografia androcêntrica. Pretendemos, assim, criar fontes para futuras pesquisas que tragam representações do que é ser mulher, além de registros biográficos e autobiográficos.

Para tanto, o texto foi dividido em duas partes. Na primeira parte, falaremos sobre o humor e o humor feito por mulheres em um contexto mais geral. Focaremos um humor universal que dialoga com os desafios enfrentados pelas mulheres em várias partes do mundo. Na segunda parte, trabalharemos o humor feito por mulheres, particularmente nos quadrinhos, como uma forma de resistência e um espaço de fala numa sociedade onde, por muito tempo, elas foram silenciadas. Para tanto, contaremos com depoimentos de mulheres quadrinistas brasileiras e estrangeiras que utilizam quadrinhos de humor como forma de expressão.

Mulheres sabem fazer humor?

O humor tem uma definição muito simples dentro do senso comum, estando relacionado a um estado de espírito e ao cômico, àquilo que faz rir. Mas o humor pode ter significados mais profundos, que são estudados por diversos campos das ciências, como a Psicologia e a Linguística. Sigmund Freud desenvolveu estudos sobre o humor nas obras “Os chistes e sua relação com o inconsciente”, de 1905, e “O Humor”, de 1927. O chiste é aquilo que podemos chamar de gracejo, que pode ser inocente ou intencional, cujo objetivo é levar ao riso. O humor está relacionado com a busca do prazer pelo riso, evitando alguma forma de dor. Ser bem-humorado é “[...] conseguir fazer limonada dos limões, rir de si mesmo, tornar cômico aquilo que pode ser vivenciado, em alguns momentos, como trágico em nossas vidas” (RABUSKE, 2011, p. 4). O cômico não apenas se opõe ao trágico, mas também o subverte por meio do riso.

O humorista vai de encontro aos valores publicamente aceitos da cultura, ele mostra que os pés dos santos são de barro, diz que não apenas o imperador está nu, mas também estão o político, o piedoso, o pomposo. Para as mulheres, tomar tal atitude significa quebrar as regras da posição pacífica e subordinada, que [sic] lhes foi conferida por séculos de tradição patriarcal, e [sic] revelar as vergonhas, hipocrisias e incongruências da cultura dominante. Ser uma mulher e humorista é confrontar e subverter o próprio poder que mantém a mulher



impotente e, ao mesmo tempo, correr o risco de confrontar justamente aqueles de quem ela é dependente (SILVA, 2015, p. 61).

Desde tempos remotos, as pessoas usam o humor como uma forma de extravasar a dor. Por exemplo, é muito comum chargistas transformarem assuntos sérios em piada, pretendendo tanto chamar atenção para um determinado fato quanto ridicularizar algo doloroso, convertendo-o em riso. O humor também possui características próprias que podem variar de região para região. Para a quadrinista sueca Malin Biller, por exemplo, o humor é algo muito pessoal, estando fortemente relacionado a aspectos culturais. Ela dá o exemplo da Escandinávia: “[...] o senso de humor escandinavo é muito semelhante ao senso de humor britânico, mas bastante diferente do alemão por algum motivo.”²

Embora haja quem afirme que o humor é atemporal, muitas vezes, a piada só pode ser compreendida se devidamente contextualizada. Por exemplo, “Tempos Modernos” de Charles Chaplin, um clássico do cinema lançado em 1936, com suas cenas cômicas, é capaz de levar jovens a longas gargalhadas até os dias de hoje. No entanto, para se ler nas entrelinhas e atingir com maior profundidade o discurso contido na narrativa, é necessário conhecimento temático muitas vezes ausente no receptor, pois se trata de um tempo distante e um contexto específico.

No tocante às artes gráficas, podemos citar o caso da charge para ilustrar a historicidade do humor contido nas imagens. A charge tem como principal função exercer uma crítica a determinada situação ou personalidade. Diferente de um cartum de humor, ela deseja chocar pelo deboche. Se um chiste, por exemplo, pode tirar gargalhadas, o humor contido em uma charge pode causar indignação, visto que essa expressão artística está relacionada a um contexto social, político ou econômico específico. Ela pode ser utilizada para crítica de uma situação local, nacional ou global. Tudo isso determina o grau maior ou menor de compreensão da mensagem que ela deseja transmitir ao receptor. Vejamos um exemplo:

² *Scandinavian sense of humour is very similar to the British sense of humour, but quite different from the German for some reason* (tradução nossa). Depoimento concedido pela autora em 27 jan. 2021.

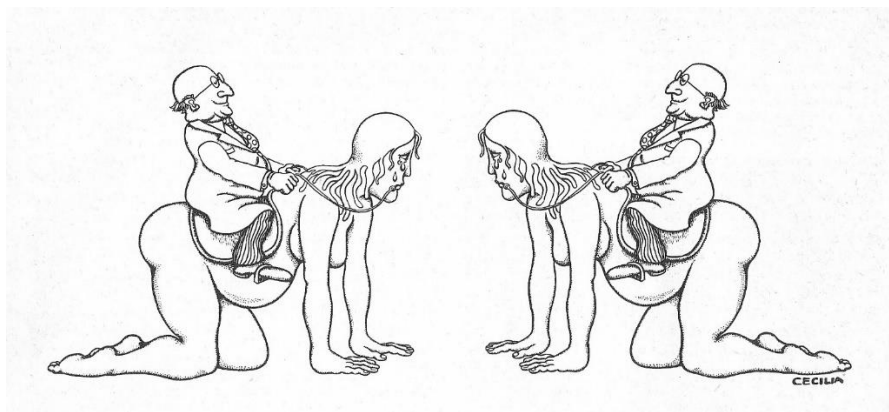


Figura 1 – I padroni dell' útero. © Cecilia Capuana. Todos os direitos reservados.

A figura 1 apresenta uma charge criada pela italiana Cecília Capuana. Trata-se de uma crítica da autora à questão do aborto na Itália na década de 1970. A autora relatou em depoimento que participou ativamente de manifestações de grupos feministas italianos e que, naquele momento, reivindicava-se o direito das mulheres sobre seu corpo com a legalização do aborto (CAPUANA, 2021). Daí o título irônico, cuja tradução seria “os mestres do útero”. A charge apresenta duas mulheres em estado avançado de gravidez sendo literalmente montadas por homens. Eles são os donos dos corpos delas, no caso, dos seus úteros. Para entender o discurso presente nessa charge, é preciso conhecer o contexto no qual ela foi produzida. Para o leitor brasileiro, por exemplo, apropriar-se do discurso contido nela é problemático.

O humor gráfico exerce aqui o papel de documento histórico ao trazer representações que nos ajudam a compor um quadro geral ou mesmo específico de determinada época. Para Roger Chartier, a partir das representações, é possível compreender o funcionamento de uma sociedade ou mesmo definir as operações intelectuais que permitem a apreensão do mundo e da forma como são delineadas as fronteiras sociais, a partir de comportamentos individuais e coletivos (CHARTIER, 1988, p. 17). Logo, no tocante à gravura supra, sua leitura a partir do olhar da historiografia transforma o humor em uma fonte que pode ajudar a compor um quadro mais amplo do movimento feminista italiano.

No caso deste artigo, vamos priorizar a produção gráfica das mulheres, levando em conta a opção delas pelo humor. Um humor feito por mulheres apresenta características distintas, uma vez que parte de experiências de vida que são diversas daquelas dos homens. Sim, as mulheres fazem humor, embora ainda haja quem insista no contrário. A presença delas vai de encontro a um processo que as invisibiliza. Tal conjuntura é resultado de séculos de repetição de argumentos baseados na falsa premissa de que as mulheres não têm a capacidade de compreender e muito menos de fazer

humor. O riso era um monopólio dos homens em seus círculos sociais, dos quais as mulheres ficavam excluídas.

Embora tenham sido espaços de domínio dos homens, histórias em quadrinhos e charges foram aos poucos se abrindo para as mulheres. Tivemos no Brasil o exemplo de mulheres como Patrícia Galvão, a Pagu, e Hilde Weber. A primeira foi uma pioneira tanto na produção de quadrinhos por mulheres quanto no uso do humor. A segunda destacou-se em uma área ainda mais restrita, a charge política.

Contemporâneas, as duas autoras militavam em lados opostos. Pagu estava ligada à esquerda combativa, que sonhava com uma revolução que derrubasse a burguesia. Seus quadrinhos e charges faziam críticas às instituições, como, por exemplo, a Igreja Católica, além de questionarem os costumes e o patriarcado (NOGUEIRA, 2017, p. 6). Ela trouxe algumas das primeiras representações de mulheres empoderadas, inclusive a primeira personagem feminista e comunista dos quadrinhos de que se tem registro: Kabelluda (Figura 2). Já Hilde Weber representava a direita conservadora, ligada inicialmente ao Partido Constitucionalista, que se opunha a Getúlio Vargas (Figura 3), e posteriormente à Tribuna da Imprensa, de Carlos Lacerda, jornalista vinculado à UDN. Do ponto de vista histórico, suas charges são um material rico, pois trazem relatos complexos sobre acontecimentos da época. Weber é considerada uma precursora do jornalismo ilustrado no Brasil (NOGUEIRA, 2016, p. 212).

m a l a k a b e ç a f a n i k a e k a b e l l u d a

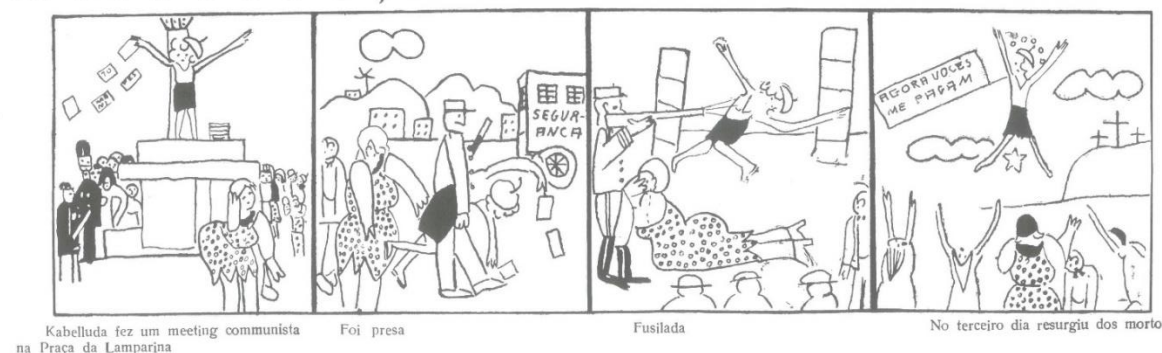


Figura 2 – “Kabelluda fez um meeting comunista na Praça da Lamparina / Foi presa/ Fusilada/ No terceiro dia resurgiu dos mortos.” *O Homem do Povo*, São Paulo, n. 4, p. 6, 2 abr. 1931 (O HOMEM, 2009).

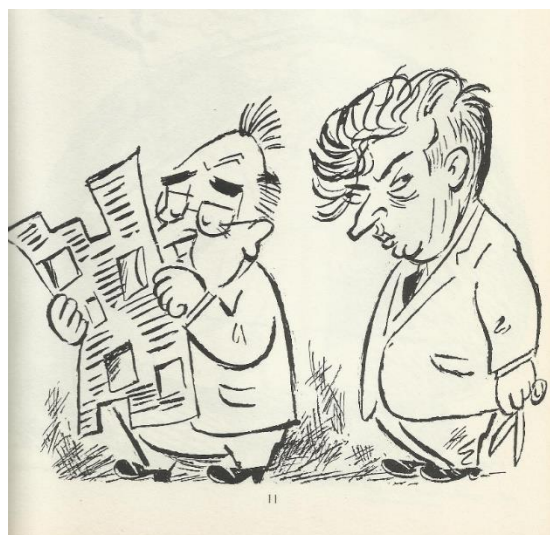


Figura 3 – Charge de Hilde Weber, 1952. Getúlio nomeia Lorival Fontes, chefe da censura do Estado Novo, para a Casa Civil (WEBER, 1986, p. 11).

Seja por meio de tiras cômicas, seja por meio de charges, as duas autoras citadas têm em comum o fato de usarem o humor como uma forma de contestar a ordem política e social. No entanto são mulheres fazendo humor a partir de pontos de vista diferentes. Patrícia Galvão faz um tipo de quadrinho de humor que pode ser considerado feminista, ao passo que Hilde Weber não possui essa espécie de alinhamento. O fato de uma mulher fazer humor não significa que ela irá seguir uma agenda feminista ou mesmo fazer humor para mulheres.

Outro exemplo que podemos citar são os quadrinhos de humor de Claire Bretécher, que falam sobre família, amizade, sexo e mercado de trabalho. Em *Les Frustrés*, a autora chama atenção para as contradições do sistema liberal e do patriarcado. Muitas pessoas ansiavam por mais liberdade para, por exemplo, viverem sua sexualidade e se livrarem das amarras morais da sociedade francesa, na qual a homossexualidade foi considerada crime até 1972. Mas, ao mesmo tempo, Bretécher foi uma crítica ferrenha tanto da esquerda francesa quanto do feminismo dos anos 1970.

O feminismo não é uma unanimidade entre as mulheres. No entanto, há uma tendência, especialmente na área dos quadrinhos, de as mulheres expressarem, por meio do humor, temas relacionados ao feminismo e às barreiras impostas às mulheres pela sociedade. Muitas vezes, os quadrinhos de humor feitos por mulheres trazem suas experiências de vida e representações que podem nos ajudar a entender o que é ser mulher numa sociedade dominada pelos homens. Nesse sentido, esses quadrinhos tornam-se lugares de fala para as mulheres silenciadas pela história, ao mesmo tempo em que se constituem como espaços de resistência à opressão do patriarcado. Por isso, muitas dessas obras artísticas acabam sendo apropriadas pelo feminismo. Sejam histórias em



quadrinhos independentes ou *mainstream*, sejam fanzines, tornam-se referências para o estudo da história das mulheres e o entendimento do modo através do qual elas representam a realidade onde vivem ou viveram.

O humor como forma de autoafirmação e resistência

Historicamente, as mulheres tiveram um longo caminho a percorrer para poderem conquistar o direito à sua história. Michele Perrot lembra-nos de que as mulheres estão ausentes nos registros oficiais e que dados pessoais são poucos e raros. Há, por exemplo, poucas autobiografias de mulheres, ou seja, poucas mulheres puderem usar sua própria voz para contar sua história. Nos arquivos, elas estão presentes na forma de documentos privados, como correspondências pessoais e diários, nos quais podemos encontrar pequenos fragmentos de suas vidas (PERROT, 2007, p. 28). Isso se aplica também ao campo das artes gráficas, no qual as mulheres tiveram sua presença ocultada ou sua memória apagada.

No entanto, à medida que os meios de comunicação impressos e digitais avançaram, criaram-se novos espaços de expressão, de modo que aqueles espaços tradicionais, como jornais e revistas, passaram a acolher não apenas a escrita, mas também a arte das mulheres. Chargistas e quadrinistas foram ganhando prestígio, invadindo pouco a pouco as artes gráficas, falando de política, questionando normas. Atualmente temos visto o crescimento da *Herstory*, literalmente “a história dela”. São as mulheres assumindo a tarefa de contar sua própria história a partir de novas perspectivas. Esse sentimento está presente na fala da quadrinista Catia Ana Baldoíno. Para ela, os quadrinhos são um espaço no qual ela pode usar sua própria voz, independentemente de convicções ideológicas.

Eu não penso que minha produção aborde diretamente as questões femininas. Pelo seu caráter autoral a primeira intenção é falar por mim mesma, que é um grande privilégio no mundo em que vivemos. O mínimo que espero é que ao produzir e publicar eu consiga incentivar outras mulheres a fazerem o mesmo. Talvez o simples fato de ser mulher, vir de uma classe social baixa e ser quadrinista independente já seja por si só um ato de resistência.³

Esse desejo de alcançar o outro também está presente na produção de Thaís Gualberto:

Os meus quadrinhos são um modo de alcançar as pessoas e a luta política é um dos principais focos do meu trabalho. A nossa democracia não vai muito além de votar a cada dois anos, o que acaba nos deixando com uma sensação enorme de impotência. O fato de ser mulher às vezes dificulta um pouco porque ainda há quem creia que não temos as habilidades necessárias para falar de política, inclusive entre nossos colegas de profissão.⁴

³ Depoimento colhido da autora em 28 jan. 2021.

⁴ Depoimento colhido da autora em 28 jan. 2021.

Vejamos o exemplo de uma obra em quadrinhos de Aline Lemos, *Artistas Brasileiras* (2018), que busca, por meio de pequenas biografias em quadrinhos, recuperar as histórias de mulheres que se destacaram no campo das artes, como Abigail de Andrade, Julieta de França, Nair de Teffé, Zélia Salgado e tantas outras. Para isso, a autora utiliza o recurso do humor. No quadrinho abaixo, Aline descreve de forma cômica uma cena na qual Rui Barbosa, ofendido, confronta Nair de Teffé — que havia feito uma caricatura do político — e Chiquinha Gonzaga. A cena, ficcional, foi construída a partir de elementos históricos que marcaram a vida da caricaturista e ex-primeira-dama do Brasil, Nair de Teffé, sendo, ainda, uma referência ao episódio do “Corta-jaca”.⁵ Lemos entende o humor como “[...] uma atitude que provoca uma catarse. Provoca o riso, que pode ser leve ou amargo, mas que sempre subverte as expectativas e revela um aspecto irreverente, falho ou incongruente de uma situação”.⁶



Figura 4 – Nair e Chiquinha. ©Aline Lemos. Todos os direitos reservados. (LE MOS, 2018, p. 21)

⁵ O chamado “Escândalo do Corta-Jaca” ocorreu em 1914, quando Nair de Teffé, esposa do presidente Hermes da Fonseca, organizou um sarau no Palácio do Catete. Na ocasião, executou-se o tango *Corta-jaca*, de Chiquinha Gonzaga, considerado um ritmo musical inferior, causando a fúria de Rui Barbosa, desafeto político de Hermes da Fonseca. Nair de Teffé respondeu aos ataques do político fazendo uma caricatura dele.

⁶ Depoimento tomado da autora em 27 jan. 2021.



Ao dar ênfase àquilo que chama de “aspecto irreverente”, a autora abre diálogo como seu leitor, que se apropria do discurso contido no quadrinho. Por vezes, o caráter jocoso do humor pode amenizar determinada situação, mas, ao mesmo tempo, pode dar-lhe um destaque ainda maior. Rui Barbosa sendo desafiado por duas mulheres é uma forma não apenas de expressar o empoderamento feminino, mas também de resistência e subversão a uma ordem social representada por ele. Aline Lemos acredita no potencial de resistência dos quadrinhos contra o machismo estrutural:

Eu considero os quadrinhos, como qualquer discurso, como um potencial espaço de resistência para qualquer grupo historicamente marginalizado. Me considero uma pessoa não binária, mas também enfrento o machismo estrutural. Nem sempre eu quero me manifestar sobre isso, mas sempre que eu decido me manifestar, estou reagindo ao estado de silenciamento histórico que foi imposto às mulheres e pessoas de gênero desviante.⁷

A fala de Lemos e as de muitas outras autoras brasileiras e estrangeiras convergem quando veem nos quadrinhos um espaço de resistência, que lhes permite não apenas expressarem angústias e sentimentos, mas também se manifestarem contra práticas e situações sociais que trazem desconforto a muitas mulheres em todo o mundo, mesmo àquelas que vivem em realidades relativamente favoráveis. Malin Biller, por exemplo, relata que, mesmo na Suécia, onde há décadas se desenvolve uma política de igualdade de gêneros, ainda existe muito sexismo. Seus quadrinhos feministas de humor ainda enfrentam oposição de muitos homens, particularmente os mais velhos⁸. Todavia, assim como Lemos, Biller acredita que os quadrinhos são um espaço de resistência e que o humor pode ser usado nesse sentido.⁹

Considerações finais

Na academia, há um crescente movimento para que se faça uma história das mulheres nos quadrinhos. Ao mesmo tempo, tem crescido a produção de quadrinhos por mulheres com componentes biográficos e autobiográficos. Muitas vezes, esses quadrinhos recorrem ao recurso do humor em maior ou menor escala. Consideramos essa produção, tanto acadêmica quanto artística, uma resistência expressa de forma frequentemente divertida: as mulheres são representadas em situações cômicas, riem de suas tragédias, fazem piadas com elas e, ao mesmo tempo, denunciam

⁷ Depoimento colhido da autora em 27 jan. 2021.

⁸ Entrevista realizada com a autora em 1 dez. 2016.

⁹ Depoimento colhido da autora em 27 jan. 2021.



situações cotidianas que nos mostram que ser mulher vai muito além de cumprir os papéis sociais que lhe são impostos pela sociedade.

Autoras de procedência e nacionalidade diversas concordam com o fato de os quadrinhos e as artes gráficas de um modo geral representarem um espaço no qual elas podem expressar seus pensamentos. Note-se que essa produção é geralmente espontânea e vem do desejo de falar de si. Os quadrinhos têm essa característica autobiográfica latente, que permite que as mulheres, nosso objeto de estudo, possam falar de si, usar suas vozes. Para muitas, eles foram uma porta que se abriu para que pudessem dialogar com outras mulheres, trocando experiências, confirmando e reafirmando valores.

Os quadrinhos de humor, ao contrário de outros gêneros, possuem um aspecto subversivo potencial, que os coloca como um espaço para se discutirem temas que sejam de interesse comum e que dialoguem com as demandas de seus leitores. Os quadrinhos de humor feitos por mulheres oferecem ao público leitor feminino a possibilidade de se apropriar de um discurso no qual ele se reconhece. Como Baldoíno bem disse: “[...] falar por mim mesma, que é um grande privilégio no mundo em que vivemos”.

Por serem criados a partir de uma necessidade de se expressar, expor sentimentos, relatar situações cotidianas, esses quadrinhos acabam tornando-se fontes para o estudo da história das mulheres, exibindo características que remetem, por exemplo, ao discurso presente no feminismo. Entretanto é comum que as autoras inicialmente não reconheçam esses elementos. Por exemplo, alguns quadrinhos de Claire Bretécher podem ser considerados feministas, enquanto outros, críticas ao feminino, mas todos eles representam uma gama de discursos, valores e crenças que autora possui e que a influenciam, dando-lhe uma perspectiva particular da realidade.

Gostaria de encerrar agradecendo às autoras Catia Ana Baldoíno, Aline Lemos, Malin Biller, Cecilia Capuana e Thaís Gualberto pela gentileza em contribuírem com a produção deste artigo, oferecendo sua fala e sua arte. Seus depoimentos foram fundamentais não apenas para compor a narrativa, mas também para enriquecer o texto, tornando-o, de fato, um lugar de fala.

Referências

CAPUANA, Cecilia. *I: Questions – Ah! Nana response en rouge* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por natania.nogueira2010@gmail.com em 20 jan. 2021.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. 2. ed. Lisboa: Difel, 1988.



DELPHY, Christine. Patriarcado (teorias do). In: HIRATA, Helena et al. *Dicionário Crítico do Feminismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2009, p. 173-178.

FALARDEAU, Mira. *Femmes et humour*. Paris: Hermann Éditions, 2014.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-241.

LEMONS, Aline. *Artistas Brasileiras*. Belo Horizonte: Miguilim, 2018.

NOGUEIRA, Natania A. Silva. A História Política do Brasil por Meio da Charge (1950 – 1964). *Revista Temporis[Ação]*, Cidade de Goiás; Anápolis, v. 16, n. 2, p. 205-222, 2016. Disponível em: <<https://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/view/272>>. Acesso em: 21 jan. 2021.

_____. Pagu: política e pioneirismo nas histórias em quadrinhos nos anos de 1930. SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 29., 2017, Brasília. *Anais...* Brasília: UnB/ANPUH, 2017. p. 1-12. Disponível em: <<https://anpuh.org.br/index.php/documentos/anais/category-items/1-anais-simposios-anpuh/35-snh29>>. Acesso em: 21 jan. 2021.

O HOMEM do povo: coleção completa e fac-similar do jornal criado e dirigido por Oswald de Andrade e Patrícia Galvão (Pagu). 3. ed. São Paulo: Globo; Museu Lasar Segall; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

RABUSKE, Anelise Scheuer. Os chistes, o humor e algumas relações com os mecanismos dos sonhos. *Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul*. Produção Científica, 16 jul. 2011. Disponível em: <<https://www.circulopsicanaliticors.com.br/producao-cientifica/artigos/51/os-chistes-o-humor-e-algumas-relacoes-com-os-mecanismos-dos-sonhos>>. Acesso em: 21 jan. 2021.

SILVA, Alba Valéria Tinoco Alves. *Deus e o Diabo no humor das mulheres: contos, casos e crônicas com humor escritos por mulheres*. Salvador: EDUFBA, 2015.

WEBER, Hilde. *O Brasil em Charges (1950 –1985)*. São Paulo: Circo Editorial, 1986.

HUMOR AS A WAY OF RESISTANCE IN WOMEN'S PRODUCTION OF CARTOONS AND COMICS

Abstract: Women find in the graphic arts a space to express their ideas and tell their stories. These creative movements include pioneers such as the Brazilian Nair de Teffé, with her caricatures, and the French Clair Bretécher, in her fun way of criticizing French society through her comic book series, *Les Frustrés*, as well as contemporary comic artists such as the Swedish Malin Biller and the Brazilian Germana Viana, who, with their intelligent humor, deal with themes related to the dictatorship of



beauty and sexuality. In the history of the graphic arts, in various parts of the world, women have transformed their art into a form of resistance, breaking the silence imposed on the feminine and denounced so many times by historians such as Michelle Perrot. This article aims to verify, between the 20th century and the early decades of the 21st century, how humor was transformed into an instrument of resistance by women who, through it, broke the silence to which they had been subjected in society. We believe that comics and charges, especially those created by women, deconstruct gender representations and stereotypes, becoming forms of resistance and allowing women to express themselves freely on topics normally considered controversial or inappropriate for the female audience. They thus become gender technologies in favor of women in their entirety.

Keywords: Comics; Charges; Gender; Women's History.